

A paisagem violada¹

No aniversário do Dia Mundial da Terra, 22 de abril, optei por publicar o artigo do religioso camiliano Fr Mario Bizzotto (Rossano Veneto, 26 de dezembro de 1934 - Verona, 16 de janeiro de 2020), do qual emerge um apelo sincero e melancólico do que todos nós perdemos e ainda estamos perdendo em um mundo violado pelo progresso impulsionado apenas pelo lucro.

Minha geração e as anteriores têm a sorte de poder recordar o mundo ilustrado pelo pai Bizzotto com as cores e os aromas que pontuavam a sucessão das estações, mas ao mesmo tempo temos a tristeza de poder pensar que tudo isso não existe mais e que as gerações futuras também foram privadas da possibilidade de uma memória de tanta beleza. Somos nós, portanto, que devemos ficar indignados porque somos os repositórios mnemônicos dessa beleza e devemos assegurar que ela seja transmitida às gerações futuras de tal forma que elas possam ter uma idéia da beleza e do que tem valor no mundo além do fator puramente econômico para que saibam o que devem preservar e proteger porque, como o próprio autor diz citando Dostoewskij, é a beleza que salvará o mundo.

Os raros momentos em que descobrimos que as coisas são como deveriam ser, ou seja, em harmonia com o homem, nos oferecem momentos de felicidade e também nos fazem experimentar a beleza. Aqueles que são sensíveis a todas as coisas belas sentirão vergonha por qualquer devastação que devastará a criação.

A destruição cada vez mais agressiva da terra é um dos insultos mais ofensivos perpetrados contra a natureza. Algumas das terras mais férteis são invadidas pelo concreto a cada ano. Uma vez retiradas do cultivo, começa um processo irreversível. Elas são destruídas para sempre. Se esta invasão selvagem da construção não for contida, haverá conseqüências com danos irreparáveis.

Hoje, a cidade não tem mais fronteiras. Nossas antigas cidades eram bem demarcadas com muros, o que as mantinha claramente distintas do campo. Agora elas se espalham como uma região de contágio. Elas estão ligadas com moradias a outros centros. A paisagem assume a face de um mundo uniforme, ao qual falta o campo. Ainda

¹ M. Bizzotto, *I valori e il cuore dell'uomo. Un'incursione nella vita quotidiana*, ed. camilliani.it, Verona 2014, pp.74-77.

existem áreas de cultivo, mas estão pontilhadas de casas, atravessadas por pilões, interrompidas por estradas. O sentido do campo desapareceu.

As fotos foram tiradas à noite do alto da planície que se estende do noroeste até o nordeste. A paisagem na frente delas é um panorama ininterrupto de luzes que sugere a presença de uma grande cidade. Onde fica a zona rural? Onde se expande o cultivo? **A imagem é um espelho da degradação ecológica.**

Denuncia a falta de lei e ordem no que diz respeito à natureza. Não podemos mais desperdiçar terra vegetal. Há um limite que deve ser respeitado, caso contrário, é a própria natureza que nos retribui o que lhe foi dado: poluição do ar, da água, dos rios, dos riachos, dos lagos, aos quais a mudança climática está ligada.

O impulso em direção ao campo

O cidadão espera as férias para fugir da cidade, suas complicações de costumes, etiquetas, modas, negócios, reuniões e obrigações. Finalmente, ele pode mudar o ritmo de vida e dizer: vamos para o campo! Um propósito mais do que legítimo. Ele expressa a aspiração por maior liberdade. Mas se o campo não existe, ele só se entrega a si mesmo. Basicamente, ainda se está na cidade. Tem-se a ilusão de emigrar para outros lugares mais pacíficos, tem-se a ilusão de entrar numa vida diferente, mais simples, mais humana. Não é bem assim. Em "nosso campo" ainda encontramos a cidade com os mesmos gostos, os mesmos alimentos, os mesmos costumes, as mesmas ferramentas de tecnologia: televisão, rádio, carros, motocicletas com seus ruídos ensurdecedores. Não. O campo já morreu há muito tempo. Não é mais o lugar da solidão, do silêncio e da calma.

Os festivais e feiras da aldeia ainda são preservados. São celebrados com uma invasão de pessoas que não se conhece. Não têm nada a ver com os verdadeiros festivais, aqueles que ofereciam a oportunidade de conhecer pessoas familiares, permitiam que as pessoas se encontrassem, conversassem e se sentissem comunidade. Mesmo os festivais sofrem o destino da degradação: ajuntamentos de pessoas desconhecidas, restaurantes lotados, circulação de carros e muito barulho. A vila está se tornando uma reedição da cidade. Assim como a cidade perdeu suas fronteiras e, com as fronteiras, perdeu parte de suas tradições e de sua identidade.

Uma é levada ao campo por uma necessidade diferente de vida: mais autêntica e humana. Uma é atraída por muitas expectativas, que nem sempre são satisfeitas. Busca-se ali o que falta nos aglomerados densamente povoados. Não se quer encontrar vitrines e lojas que ostentam o que não se tem, nem se tem a oportunidade de comprar. A pessoa está mais do que saturada de encontrar apenas homens ocupados, pessoas que passam mas que têm rostos distantes e ausentes. De vez em quando, também se quer ver pessoas com quem se pode conversar. Também é agradável conhecer animais, ver

plantas e admirar sua folhagem. E como seria reconfortante caminhar por caminhos solitários que se conciliam com a quietude da alma.

A paisagem adulterada

Ainda tenho em minha memória um distrito montanhoso, um grupo de casas enquadradas dentro de um quadro de picos. Essas casas estavam bem situadas e davam uma impressão de modéstia e gosto rústico. Elas não exibiam nada excessivamente elegante. Eram simples edifícios de um andar. Nos parapeitos das janelas havia potes de gerânios e ciclâmenos, que se harmonizavam com os arredores.

Nós não estávamos fazendo uma apresentação extravagante. Teria sido fora de lugar. Tudo era tão simples quanto deveria ser em seu contexto. Não havia sinais de que algumas vilas, em contraste com a austeridade do ambiente montanhoso, ostentavam mais riqueza do que bom gosto. Havia cores ofensivas, caixilhos de janelas de plástico, caminhos excessivamente altos e canteiros de flores. A natureza quer simplicidade, ela rejeita artefatos de luxo sem vergonha e ofensivo. Desde que o distrito não seja atacado por gruas ou proprietários de terras ricas e seja respeitado em sua franqueza, desde que seja mantido como foi pretendido por pessoas limpas, pobres mas dignas da montanha, será sempre um exemplo agradável aos olhos do viajante, que se sente acolhido e realizado em suas expectativas.

O vilarejo era aconchegante. Ela ainda mantinha uma clara separação do campo. Aqui se tinha a impressão de estar em uma ordem original, ainda não contaminada pela agressão irreverente do dinheiro. Alguns palheiros ficavam nos prados próximos, mostrando a mão diligente do agricultor e, ao mesmo tempo, apresentando um quadro de uma tradição secular.

Voltando lá alguns anos depois, senti uma decepção igual à alegria que havia sentido antes, quando na contrada descobri o acordo ideal entre o homem e a natureza. Os palheiros tinham desaparecido. Alguns prados haviam sido suplantados por novas casas e outros estavam sendo construídos. A inocência da paisagem original estava manchada, o grupo homogêneo de casas não existia mais. As novas casas não se enquadravam no estilo da época anterior. Com o desaparecimento da antiga aldeia, uma era de linhas medidas e respeito pela natureza estava condenada ao pôr-do-sol.

As gerações futuras não terão a menor idéia do que significa viver em harmonia com a natureza. Elas acharão mais agradável à sua mentalidade ostentar riqueza e conforto. Elas não sentirão a necessidade de amar não apenas a moradia, mas também o meio ambiente.

A experiência da beleza

Na contemplação de uma natureza limpa se encontra a primeira e mais verdadeira experiência de beleza. É como se estivéssemos surpreendidos pelo encanto. Tudo diz: aqui se deve fazer uma pausa, aqui se respira paz. Muitos falaram da beleza observando que é uma harmonia de linhas que surpreende e fascina. Claro que não é só isso, mas é o suficiente para explicar a nós mesmos a sensação agradável que temos quando entramos em contato com a face original da criação. Não é só a beleza que vem até nós. O que é belo está sempre unido ao que é saudável e convida a um compromisso de cuidado e fidelidade contra os possíveis perigos de ruptura e poluição.

Dostoevsky é o autor de um ditado que se desgastou pelo uso e, no entanto, é sempre verdadeiro: *é a beleza que vai salvar o mundo*. Ela não só salva a paisagem, mas também o homem. Ele precisa, entretanto, encontrar a alma gentil capaz de perceber as mensagens de uma paisagem: de um pôr do sol, de um prado em flor, de um lago alpino, de uma planta exuberante. Aqueles que se deixam surpreender pelo chamado da natureza nem sempre encontrarão satisfação nas coisas que são obrigados a encontrar. Ele não será capaz de evitar um aperto no coração toda vez que vir uma grua içada no meio de um prado. Aquele que é sensível a todas as coisas belas se sentirá envergonhado com qualquer caos que devastará a ordem original da criação. Se é verdade que a beleza salvará o mundo, é igualmente verdade que o que é feio e sujo o destruirá. Portanto, ele achará certo rejeitá-lo mesmo que seja tão útil quanto uma indústria ou tão conveniente quanto uma antena. É sempre algo que consome, arruína e destrói.